

FAZER POÉTICO EM FRIEDRICH SCHLEGEL

Rafael Lima dos Santos (Bacharel em Letras Português/Alemão – UFRJ)

“Só um artista pode adivinhar o sentido da vida”.

- Novalis -

Considerações iniciais

A presente monografia constitui uma breve tentativa de esboço sobre o que vem a ser, para aquele que é considerado “o iniciador do movimento romântico” (BORNHEIM in *O romantismo*, p. 92), mais que *poesia*, o *fazer poético* – observando pontos de identidade dentro de alguns artigos de seus tratados teóricos que abordam esse tema. Tratados teóricos esses que configuram, dentro do panorama histórico-estético da arte, verdadeiras obras precursoras dos cânones da moderna Teoria da Literatura, visto que Schlegel, em muitas de suas obras, não discute somente elementos estéticos ou teleológicos da literatura (sobretudo da poesia) e seu possível papel formativo no homem e na sociedade, mas também pensa elementos de caráter puramente técnicos da mesma (formas literárias como o fragmento, o ensaio, a crítica...).

Além disso, mesmo seu ensaio *Sobre o estudo da poesia grega* pode ser considerado, segundo alguns estudiosos, uma obra precursora também do conceito de “modernidade”:

“É nessa primeira fase do Romantismo alemão que se estabelecem os fundamentos da estética da modernidade.

No entanto, essa preocupação é anunciada ainda no período clássico: o escrito *Poesia ingênua e sentimental* de Schiller constitui o primeiro ato da revolução estética realizada por F. Schlegel e Novalis. (...) Ao sentimento de perda da harmonia com o todo e à nostalgia da simplicidade da Antigüidade, já constantes na visão de Schiller, F. Schlegel acrescenta, no ensaio *Sobre o estudo da poesia grega*, o conceito ‘interessante’ como critério moderno de valor estético, conotando-o ao traço característico, individual e original – caminho seguido mais tarde por Baudelaire” (HEISE (org.), p. 10).

Interessa sua reflexão sobre o fazer poético em si, não apenas como manifestação literária, mas também como instrumento reflexivo de ideologia: “Existe tanta poesia e, no entanto, nada mais raro que um poema! É que há uma multidão de esboços poéticos, estudos, fragmentos, tendências, ruínas e materiais” (SCHLEGEL apud BOLLE in *Fundadores da modernidade na literatura alemã*, p. 38).

Contemporâneo de Schiller e Goethe, Schlegel (e seu irmão, além de Novalis, Fichte e Schelling) costuma ser situado no período histórico-estético convencionalmente denominado de *Kunstperiode* pelos germanistas (termo, inclusive, forjado pelo próprio Schlegel em carta a seu irmão). E isso devido à identidade de propostas estético-ideológicas em comum entre os referidos pensadores.

“Não há nenhuma razão objetivamente suficiente para se opor o assim chamado ‘classicismo de alemão’ ao romantismo da primeira fase, quando reconhecemos em ambos os grupos a esperança cultural histórico-universal seguindo a orientação do arquétipo grego como o elemento concordante de suas reflexões e poesia. Este elemento

pertence à época histórica na Alemanha dos dez a quinze anos após a Revolução Francesa. É a época preparada por Winckelmann, Klopstock, Kant, Lessing, Wieland, Herder e Karl Phillip Moritz, na qual, estimulada pelas esperanças fracassadas da Revolução, foi invocada no campo do pensamento e da poesia a emancipação burguesa como libertação geral da humanidade” (MALSCH, apud KESTLER in *forum deutsch*, volume VI, p. 75).

É necessário mencionar que, particularmente na Alemanha, o movimento estético romântico sempre esteve imiscuído à fundamentação filosófica. E dois foram os filósofos que, com seus tratados teóricos, mais influenciaram os pensadores do romantismo alemão a seguir: Fichte (sobretudo com sua *Teoria da Ciência*) e Kant (mormente com sua *Crítica do juízo*).

Kant foi um filósofo sob cuja sombra todos os outros grandes pensadores a partir do *Aufklärung* produziram seus escritos. Kant, com seu sistema de pensamento complexo, abrangente e profundo, mudou o cenário filosófico de então e a partir de então. Interessa principalmente sua *Crítica do juízo*, sua reflexão sobre o gosto.

“A *Crítica do juízo* teve o peso que teve porque realiza e resolve, de certa forma, as questões estéticas que estavam no ar no século XVIII, abrindo ao mesmo tempo o caminho para as ‘estéticas filosóficas’ e a estética do romantismo. Cassirer, em ‘Os problemas fundamentais da estética’, último capítulo de *A filosofia do Iluminismo* (1992), procura mostrar como os esforços para pensar a arte nos séculos XVII e XVIII de certa forma convergem para a solução crítica. (...) temos de reconhecer a fecundidade da abordagem de Cassirer graças ao papel real da *Crítica do juízo* como ponto de inflexão de uma época” (TERRA, p. 134).

Kant inaugura um sistema crítico de pensamento com relação às estéticas anteriores que estabelece sínteses conceituais até então conflitantes; confere unidade conceitual entre “razão e imaginação, gênio e regras, fundação do belo no sentimento ou em uma forma determinada de conhecimento” (ibid). Sua *Crítica do juízo*, entre outras coisas, ajudou na fundamentação do princípio de autonomia estética da obra de arte antecipado por Moritz – tão caro aos pensadores da época. É consenso que o sistema filosófico kantiano deixou lacunas quanto a certos dualismos entre “mundo da natureza” X “mundo da espiritualidade”. Contudo, ainda assim, a obra de praticamente todos os pensadores depois dele na Alemanha, de artistas a intelectuais e outros filósofos, e entre esses Schlegel, voluntária ou involuntariamente, dialoga com a obra kantiana quer completando, quer perquirindo, quer se opondo, quer reiterando sua doutrina. Enfim, a história da filosofia já não é a mesma porque Kant existiu e ninguém jamais permaneceria indiferente ao seu sistema.

Quanto a Fichte, interessa aos românticos conceitos como: perfectibilidade, progressão, infinito, Eu puro, liberdade absoluta, idealismo, imaginação. Não cabe aqui discorrer sobre cada um desses elementos. Mas cabe registrar que houve uma iniciativa por parte de Schlegel de “completar” a Teoria da Ciência naquilo que esta deixou a desejar, uma vez que Fichte não trabalha com a arte.

“Schlegel avança um passo. Concorda com Fichte, quando este afirma que a realização plena do ideal da liberdade não é possível. Mas, acrescenta ele, não é possível para a filosofia. E o que a filosofia não pode, visto que ela é abstrata, torna-se exequível para a

arte. Se a filosofia não consegue concretizar o ideal da liberdade, a arte pode ao menos indicar um caminho que leve a tal concretização. (...) Através da idealização que é a obra de arte, estabelece-se a unidade entre o real e o ideal” (BORNHEIM in *O romantismo*, p. 93).

Quando nos fala sobre a *nova mitologia* que pretende fazer ideologicamente emergir (como mais abaixo será mencionado), Schlegel tem em mente a idealização como força motriz de toda realização artística. A arte com sua força fantástico-criadora (por isso marcadamente *divina*) propiciaria uma mitologia moderna calcada na idealidade. É na arte (e ainda mais na poesia) o campo de coalizão entre realidade e idealidade, natural e sobrenatural, finitude e infinitude. Não à toa que Schlegel disserta sobre a “poesia transcendental”, da mesma maneira que também não é sem propósito que acredita que filosofia e arte, tal como seria na Antigüidade, têm de ser uma coisa só, já que “O que a filosofia revela abstratamente a arte realiza, tornando concreta a filosofia” (idem, p. 94).

Dichtung

O critério de “fazer poético” defendido pelo título deste trabalho vem manifestamente ao encontro do conceito peculiar da língua alemã para *Dichtung*. Susuki esclarece que “em alemão, *poesia (Dichtung)* não se refere apenas à obra acabada, ao *poema*, mas sobretudo também ao ato de realização, ao fazer poético em geral, quer se exprima em versos, quer em prosa” (1991, p. 12). Tal afirmativa parece pressupor que o conceito que essa palavra encerra defende, além da questão técnica própria dessa forma de arte, uma questão filosófica: o que a poesia é e representa. Portanto, um conceito que defende uma

“poética filosófica que não procura regras para aplicar na práxis, não procura diferenças que seriam levadas em consideração ao escrever, mas busca um conhecimento que se basta a si mesmo. A poética assim entendida constitui uma área da estética geral, a filosofia da arte” (TERRA, p. 132).

Enfim, deve ficar claro que, para Schlegel, “poesia” não se refere apenas ao *poema* em si, mas também às diversas manifestações veiculadas na literatura (em seu contemporâneo Schiller, por exemplo, quando trabalha os modos de sentir característicos no idílio, na sátira, na tragédia; em Schlegel, em sua teoria do romance).

Sua teoria sobre periodização literária dividida em ciclos caracteriza a poesia moderna (“moderna” para Schlegel) como uma poesia em aberto, em constante aprimoramento em direção à perfectibilidade estética – em oposição à poesia da Antigüidade, um ciclo “fechado” de nascimento, apogeu e declínio bem definidos.

Schlegel e a “alegre ciência da poesia”¹

Trabalhar a obra de Schlegel oferece alguns entraves. E isso devido, principalmente, ao fato da escassez de material vertido para a língua portuguesa. Há, sim, fragmentos muitos que, ainda que “espaçados” dentro do sistema geral desse

¹ Expressão do filósofo utilizada em “Idílio sobre o ócio” (1799).

importante pensador, oferecem um entendimento bastante significativo no campo da estética.

Seus escritos são encontrados em suas três grandes coletâneas de fragmentos: *Athenäum*, *Lyceum* e *Idéias. Sobre o estudo da poesia grega* (que, lamentavelmente, ainda espera por uma tradução integral) “vem a ser, juntamente com o texto de Friedrich Schiller, *Sobre poesia ingênua e sentimental* (1795-96), um dos escritos básicos sobre a relação dialética entre estética antiga e moderna” (HEISE (org.), p. 35).

Idílio sobre o ócio (1799)

O que importa nesse artigo no sentido de conceituação acerca do fazer poético é a idéia defendida pelo autor de que somente pelo ócio a criação poética se efetua.

“O pensamento e a criação poética não são mais do que o resultado de uma entrega passiva à acção de um qualquer espírito. E o dizer e fazer (*Bilden*) são afinal secundários em todas as artes e ciências: o essencial é o pensamento e a criação poética (*Dichten*), e isso só é possível por meio da passividade” (BARRENTO, p. 230).

Essa norma defendida de “passividade” diante da criação poética encontra parceria em Schiller quando o mesmo defende que o homem só pode se entregar ao gozo estético depois de já ter resolvido questões elementares de sobrevivência. Só então o indivíduo se aperceberia da insuficiência de considerar só o “mundo físico” circundante como realidade única: “Escravo da natureza quando apenas a sente, o homem torna-se o seu legislador quando a pensa” (*A educação estética do homem numa série de cartas*, p. 129). Também em Schiller, seria o ócio propagado por Schlegel o elemento propulsor da “criação poética” – e fazer artístico em geral.

***Athenäum* (1798; fragmentos)**

Revista fundada em parceria com seu irmão, August Wilhelm Schlegel, *Athenäum* encerra em seus artigos um dos textos mais importantes do pensador alemão no campo da estética – e, como já mencionado, no campo da moderna Teoria da Literatura – : o fragmento de nº. 116².

No referido fragmento, Friedrich discursa sobre a “poesia romântica” cuja principal função, usando as palavras do próprio autor, seria a de “unir todos os gêneros separados da poesia”, “aproximar a poesia da filosofia”, tornar “a vida e a sociedade poéticas”, “potenciar incessantemente as coisas”, representando “a própria arte da poesia (*Dichtkunst*)”. Isso entre outras funções. Tal fragmento deixa transparente o caráter totalizante que Schlegel imprime à “poesia romântica” – que não seria outra coisa que não o romance propriamente dito (“Pode-se considerar este fragmento uma definição compacta do gênero ‘romance’” (HEISE (org.), p. 42)). Em outro fragmento, lemos que, tal como na Antigüidade, “só deve Uma poesia e Uma filosofia” (nº. 239).

Quando entendemos o romance como campo de atuação de diferentes forças estéticas e ideológicas, além de representar o retrato de uma época com seus valores éticos e comportamentais, fica fácil perceber o quanto essa forma literária vai ao encontro da perspectiva totalizante da arte cultuada pelos românticos. Seria o romance a forma mais acabada e completa da arte, portanto, a forma possivelmente mais efetiva de aprimoramento individual e social de que o artista poderia dispor? Parece que sim.

² Numeração sugerida em artigo de Willi Bolle “Friedrich Schlegel e a estética do fragmento” da revista *Fundadores da modernidade na literatura alemã*, organizada por Eloá Heise.

Assim como Schiller em suas *Cartas* e na *Poesia ingênua e sentimental*, Schlegel é partidário da idéia de que só por meio da arte (mais especificamente das artes literárias, da *poesia*) o homem e a sociedade podem se aprimorar. Há em ambos, portanto, a premissa de perfectibilidade a ser alcançada pelo homem em função do direcionamento do artista.

Outro fragmento importante é aquele em que se fala da *poesia transcendental* “centrada na relação entre o ideal e o real” (nº. 238). Essa poesia seria o resultado de um caminho estético a ser percorrido, caminho esse que teria início na sátira, passaria pela elegia e culminaria no idílio. Schlegel parece não se preocupar em entender sátira, elegia e idílio como distintos “modos de sentir” (como faz Schiller em *Poesia ingênua e sentimental*); antes, parece considerá-los como estágios a serem galgados nessa ordem mesma estabelecida: da forma poética que trabalha com “a diferença absoluta do Ideal e real” (a sátira) à forma poética que trabalha “com a identidade absoluta” entre Ideal e real (o idílio). Essa poesia seria *transcendental* (termo, segundo o autor, tomado de empréstimo da filosofia) porque falaria de si, representaria a si própria criticamente como “poesia da poesia”.

Discurso sobre a mitologia (1800)

Neste importante artigo, sempre imbuído da postura dialética com a Antigüidade, Schlegel reitera a crença de que o fazer poético para os gregos seria norteado por um princípio de unidade – mesmo dois anos antes, no fragmento 239 de *Athenäum*, lemos que, “na simbiose de todos os gêneros artísticos dos poetas ecléticos do fim da Antigüidade, ele [o pensamento de que tudo deve ser poetizado] assenta ainda na seguinte exigência: só deve haver Uma poesia e Uma filosofia” (BARRENTO, p. 236). Tal princípio de unidade estaria, segundo Schlegel, fundamentado na existência de uma mitologia. E isso porque, para ele, uma mitologia se caracteriza pela superação dos homens à realidade circundante transpondo essa mesma realidade ao campo da imaginação, da fantasia. Quando os gregos explicavam um fenômeno *natural* com outro de caráter *sobrenatural* (vontade ou ação dos deuses), transcendiam o simples campo da razão lógica com o uso da imaginação.

Schlegel encara o fazer poético de sua época como “atomizado”, fragmentado, sem centro, não-orientado por qualquer unidade que fosse, natural ou sobrenatural: “O poeta moderno tem de ir buscar tudo isso ao seu interior, e muitos fizeram-no de forma extraordinária, mas até agora cada um por si, e cada obra é como uma nova criação a partir do nada” (idem, p. 238).

De maneira análoga à mitologia dos antigos, a “nova mitologia” proposta e defendida neste artigo estaria fundamentada no *idealismo* (exemplo e fonte dessa nova mitologia) e seria propulsora de uma “mitologia-poética”, uma “utopia de fundamentação estética” (idem, p. 244-45, nota 11). Mitologia nascida do fundo do espírito, teria como expressão máxima a poesia romântica como dinâmica harmoniosa entre idealismo e realidade. Só essa dita poesia mitológica permitiria ao artista verdadeiro (e, posteriormente, ao homem sensível) se aperceber de sua “força divinatória” promovido pela criação artística: tal e qual os deuses em que acreditam, os homens também são dotados da capacidade de criar, de dar vida.

“A mitologia é uma tal obra de arte da natureza. No seu tecido ganhou realmente forma a perfeição suprema, tudo é relação e transformação, configurado e transformado, e esse configurar e transformar é o seu processo específico, a sua vida interior, o seu método, se assim se pode dizer” (idem, p. 242).

Que significa romântico (1800)

Embora tenha apresentado seu conceito de “poesia romântica” dois anos antes na revista *Athenäum*, Schlegel neste artigo se propõe definir quais critérios considerar em uma obra literária para que esta seja *romântica*.

Em primeiro lugar, o fazer poético marcadamente romântico não apresentaria relação alguma com as práticas literárias da época voltada para a elaboração de histórias sentimentais (na acepção mais piegas do termo), “lacrimejantes”, banais e supérfluas. Não. Compartilhando com Schiller o princípio de que a arte teria como fim último o aprimoramento do indivíduo e conseqüente perfectibilidade da espécie humana, Schlegel não vê com seriedade o fazer poético de seu tempo, tão afeito ao entretenimento puro e simples – e chega a ser bastante severo, mesmo mordaz.

Neste artigo, o entendimento do termo “romântico” sugere identificação com o conceito de “sentimental”, a saber, “aquilo que fala através do domínio do sentimento (*Gefühl*), mas não no plano dos sentidos, antes no do espírito (*geistig*). A fonte e a alma de todas essas emoções é o amor”... Também em consonância com Schiller em *Poesia ingênua e sentimental*, o termo “sentimental” aqui utilizado não se refere ao sentido adotado pelo senso comum – da Alemanha da época até os dias de hoje como um sentir puramente emocional. O sentimento genuíno de que deve se apropriar o artista em seu fazer poético é marcado pelo crivo do espírito, é atividade intelectual, é, dentro do campo schilleriano do conceito, atividade marcada por reflexão.

“Nas *Cartas a Augustenburg*, faz-se uma referência inequívoca a esse respeito:

“O coração sozinho é, porém, um guia por demais inseguro, e o sentimentalismo mais terno torna-se apenas uma presa tanto mais fácil da exaltação (*Schwärmerei*), se um entendimento claro não o conduz” (SCHILLER apud SUZUKI, p. 25).

Além disso:

“[o poeta sentimental] reflete sobre a impressão que os objetos lhe causam e tão-somente nessa reflexão funda-se a comoção a que ele próprio é transportado e nos transporta” (idem, p. 26).

Igualmente digno de nota seu conceito de “fantástico” que seria tudo o que se relaciona à imaginação poética – que, por sua vez, seria a “única maneira de apreender esse amor” (“enigma” que é “fonte e alma” do sentimental romântico).

Poesia aqui é defendida como fantasia e força criadora imaginativa do pensamento. Não mais se trata de fenômeno “natural” de simples apreensão e reprodução da natureza circundante.

Schlegel, mais uma vez, defende que todo fazer poético seja romântico no sentido de ser marcado pelo pensamento fantástico – único capaz de apreender, entender e expressar o enigma motriz de todo aquele que se queira poeta: o amor.

Considerações finais

“Em forma de bíblia aparecerá o evangelho novo, eterno, anunciado por Lessing, mas como um livro individual no sentido comum. Mesmo aquilo que chamamos de bíblia é na verdade um sistema de livros. Este uso da língua não é arbitrário. Ou será que, para distinguir a idéia de um livro infinito da idéia do livro comum, existe

alguma outra palavra que não seja ‘bíblia’, quintessência do livro, livro absoluto? Há, sem dúvida, uma diferença eterna e essencial, e mesmo prática, quando um livro é apenas meio para um fim, ou quando é obra autônoma, indivíduo, idéia personificada. Isso não é possível sem o divino, e nesse ponto, o conceito esotérico até coincide com o exotérico; tampouco existe idéia isolada, mas ela existe como tal somente no meio de todas as idéias. A título de ilustração, um exemplo: todos os poemas clássicos dos antigos estão interligados entre si, de modo inseparável, formando uma totalidade orgânica, constituindo, na verdade, um Poema Único, o único em que a arte poética aparece em estado de perfeição. De modo análogo, na literatura perfeita, todos os livros devem ser um Livro Único, e num tal livro em eterno devir revelar-se-á o evangelho da humanidade e da formação” (SCHLEGEL in *Ideen* apud BOLLE, p. 43-4).

As conclusões a que se pode chegar após o estudo do sistema de Schlegel quanto ao fazer poético (ainda que muito superficial) são claras e bem definidas – assim como são claros e bem definidos seus propósitos com o uso da poesia.

Em primeiro lugar, são bastante nítidos os pontos de convergência entre Schlegel e seus contemporâneos no que diz respeito à poesia: o ideal da Antigüidade clássica como modelo inquestionável; a arte (com destaque irrefutável e absoluto para a poesia) como meio de aprimoramento da humanidade em seu progresso rumo à perfeição, ou seja, o Belo imbuído de função “pedagógica”; reflexão sobre o fazer artístico e o papel da arte e do artista no mundo e na história. Enfim, todo o sistema dos pensadores do chamado *Kunstperiode* parece, com as diferenças peculiares cabíveis entre os autores, gravitar sobre pontos em comum. Cabe agora, no entanto, focar a atenção especificamente em Schlegel, tema da presente monografia.

O mérito de Schlegel está no fato de imputar à arte um papel, mais que meramente importante, fundamental. O mote por ele sustentado é claro no sentido de que o aprimoramento da humanidade não será possível, enquanto a arte não ocupar seu lugar devido no curso da história. É a ele também que os germanistas atribuem o papel de fundador do romantismo em cujo discurso, entre outras coisas, aprofunda o conceito de subjetividade como extensão do Eu fichteano – nada tão caro e emblemático para a arte romântica que a subjetividade.

Seu sistema, porém, é louvável na mesma medida em que é deficiente. E isso devido ao papel atribuído à poesia. Papel libertário e inquestionável. Schlegel peca por superestimar: superestima a Antigüidade e a poesia.

Superestima a Antigüidade (como se os antigos não vivenciassem dissabores sociais, imperfeições e corruptelas em suas práticas cotidianas de existência absolutamente habituais onde houver qualquer ajuntamento humano que se queira “sociedade” ou algo que a valha; como se “os antigos” fossem unos em seu modo de proceder, de sentir e de viver; como se, mesmo entre seus artistas, não houvesse produções estéticas de valor duvidoso, mesmo medíocre).

Superestima igualmente a poesia: primeiro porque ignora total e completamente todas as outras formas de manifestação artísticas (é certo que não seria de esperar que Schlegel propusesse um estudo criterioso e aprofundado sobre aquilo que não entende, mas o fato de simplesmente não mencionar qualquer outra manifestação da arte e de escrever coisas como “Num estado ideal da humanidade só haveria poesia; isto é, as artes e ciências então seriam uma coisa só. Em nosso estado apenas o verdadeiro poeta

seria um homem ideal e um artista universal”³ torna todo seu sistema, além de abertamente tendencioso, incompleto: arte não é só poesia⁴); segundo porque, quando supervaloriza a poesia, não leva em consideração que o fazer poético, por mais transcendental que se queira, é uma manifestação cultural. Palavras (elementos constitutivos de toda poesia) são inventadas, são criadas a partir de convenções sociais que se estabelecem no correr do tempo e os sentidos múltiplos que elas abarcam são cambiáveis de acordo com a cultura na qual estão inseridas. Elas não são estanques em seu “comportamento”, nem em seu valor significativo. Culturas e sociedades distintas atribuem valores distintos à palavra. Enfim, *parece* que tais considerações não foram contempladas por Schlegel (e, a bem da verdade, por nenhum de seus contemporâneos). A própria fusão entre filosofia e poesia, embora feliz em sua ideologia, parece desconsiderar diferenças pertinentes e incontornáveis: o propósito da filosofia, por mais estreita que seja sua relação com a poesia, é um; o da arte, outro. Suas naturezas, embora possam (e devam!) se complementar, são diferentes.

Isto posto, vale destacar novamente o papel de mérito que Schlegel, frente ao movimento romântico alemão, desempenhou quando pensamos que ele, junto aos seus contemporâneos, promoveu uma iniciativa de reflexão profunda sobre a realidade e sobre acontecimentos históricos, bem como sobre a arte, privilegiando elementos como a liberdade, inviolabilidade do eu e constante aprimoramento da espécie, destacando na obra de arte (ainda que “obra de arte” se refira unicamente à poesia) sua natureza em aberto, incompleta, sempre um convite.

³ Apud SUZUKI in *Poesia ingênua e sentimental*, p. 12, nota 4.

⁴ Muito embora seja preciso mencionar que o próprio Schlegel revê criticamente sua postura quanto a isso:

“Meu ensaio sobre a poesia grega é um hino amaneirado, em prosa, àquilo que é objetivo na poesia. A completa falta da indispensável ironia me parece o que nele há de pior; e o melhor, a confiante suposição de que a poesia é infinitamente valiosa, *como se isso fosse uma coisa indiscutível*” (SCHLEGEL apud KESTLER in “Friedrich Schiller X Friedrich Schlegel: confrontos e convergências em torno da fundamentação da modernidade”. Grifo meu).

Bibliografia

- BARRENTO, João. *Literatura alemã. Textos e contextos (1700-1900). Volume 1: O século XVIII*. Seleção, tradução, introdução e notas: João Barrento. Editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, 1989.
- GUINSBURG (organizador). *O romantismo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 3ª edição, 1978.
- HEISE, Eloá (organizadora). *Fundadores da modernidade na literatura alemã*. São Paulo: FFLCH-USP, 1994.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. “A autonomia estética e o paradigma da Antigüidade clássica no classicismo e na primeira fase do romantismo alemão”, in: *forum deutsch – Revista brasileira de estudos germânicos*. Volume VI, pp. 68-87. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.
- _____. “Friedrich Schiller e a fundação do cânone da modernidade”, in: *forum deutsch – Revista brasileira de estudos germânicos*. Volume X, pp. 88-125. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.
- _____. “Friedrich Schiller X Friedrich Schlegel: confrontos e convergências em torno da fundamentação da modernidade”.
- SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1991.
- TERRA, Ricardo. *Passagens: estudos sobre a filosofia de Kant*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.